



O DISPOSITIVO GRUPAL NO TEA: POTÊNCIA ESTRUTURANTE ALÉM DO ESCOAMENTO DE DEMANDA

Karla Dias Tomazella, Fernanda Cristine Pires de Lima, Larissa Franco da Silva
Centro Especializado em Reabilitação (CER)– São Paulo, SP

Eixo Temático: Saúde Mental e Humanização

Introdução

Na saúde pública, o atendimento em grupo é frequentemente reduzido a uma manobra gerencial para conter filas e cumprir metas de produtividade. No Transtorno do Espectro Autista (TEA), contudo, o grupo constitui uma ferramenta clínica com densidade intrínseca: é na mediação com o semelhante que o sujeito neurodivergente encontra espaço para se espelhar, se frustrar e se diferenciar. Superar a exclusividade da terapia individual em consultório fechado é uma aposta ética e técnica na convivência como via de estruturação psíquica e pertencimento social.

Objetivo

Relatar a experiência institucional da implementação do dispositivo grupal como diretriz clínica primária na reabilitação do TEA em um CER, organizado a partir de ciclos vitais simbólicos para a sustentação do laço social, do limite e do desejo.

Métodos

Relato de experiência da modelagem clínica adotada em um Centro Especializado em Reabilitação (CER) em São Paulo/SP, estruturado em três eixos centrais: **Metáfora dos Ciclos Vitais:** Substituição de classificações patologizantes pela modulação evolutiva em cinco etapas simbólicas: Pupa (acolhimento e borda), Lagarta (exploração e nutrição sensorial), Casulo (tempo de pausa e elaboração), Metamorfose (atrito e diferenciação) e Borboleta (inserção social na pólis); **Superação do Treino Mecânico:** O setting afasta-se da mera instrução repetitiva de Atividades de Vida Diária (AVDs) para atuar como fiador de um campo simbólico, promovendo a circulação da espera, da partilha e da intencionalidade expressiva entre pares; **Interdisciplinaridade Viva:** Articulação transdisciplinar na qual a equipa partilha o manejo da cena clínica, sustentando a singularidade de cada criança no coletivo.

Conclusão

O dispositivo grupal no SUS transcende o papel utilitarista de escoamento de vagas: afirma-se como tecnologia clínica de alto impacto na constituição subjetiva no TEA. Sustentado por uma equipa interdisciplinar afinada, o grupo convoca o sujeito a deslocar-se do isolamento radical para sustentar a presença e o vínculo com o semelhante, reafirmando que o laço social se constrói e se fortalece no encontro coletivo.

Resultados

A consolidação do dispositivo grupal como diretriz clínica deliberada e não como mera medida de contingência administrativa alterou profundamente a dinâmica assistencial e o prognóstico relacional dos pacientes no serviço: **Ressignificação do Diagnóstico e Horizonte Temporal:** A transição pelos ciclos vitais simbólicos operou como intervenção subjetiva direta. Ao substituir rótulos diagnósticos estáticos por fases de transformação e vir-a-ser, desfez-se a cristalização do estigma do TEA, restituindo às famílias e à equipe a aposta na permeabilidade e no desenvolvimento do sujeito. **Do Isolamento ao Brincar Compartilhado:** Crianças que em atendimentos individuais mantinham repertórios restritos e isolados foram convocadas pelo atrito e pela presença do semelhante. Observou-se a emergência espontânea do olhar mútuo, a negociação de turnos, a imitação lúdica e a ampliação expressiva da tolerância à frustração e à espera. **Construção de Borda, Limite e Alteridade:** O grupo configurou-se como um continente seguro de regulação afetiva. A regra social deixou de ser vivenciada como imposição vertical do terapeuta para ser elaborada como limite vivo imposto pela coexistência com o outro, permitindo que a intenção comunicativa circulasse ativamente. **Impacto na Parentalidade e Rede de Apoio:** Paralelamente às transformações das crianças, a vivência grupal ressoou nos cuidadores, que puderam desmistificar angústias, atenuar a sobrecarga do isolamento doméstico e testemunhar novas competências sociais de seus filhos em interação coletiva. **Articulação Transdisciplinar Viva:** O dispositivo transformou a própria equipe em um espaço de circulação horizontal de saberes. O manejo conjunto em tempo real entre diferentes categorias profissionais permitiu sustentar as idiosincrasias de cada sujeito sem fragmentá-lo em especialidades. **Ensaio e Acoradouro para a Pólis:** O grupo consolidou-se como espaço de ensaio social protegido. As conquistas relacionais e a autonomia construídas no setting grupal repercutiram diretamente no trânsito comunitário, na adaptação escolar e na circulação qualificada da criança nos espaços públicos.

Dispositivo Grupal no TEA: Os Ciclos Vitais Simbólicos

Da Borda do Acolhimento à Inserção na Pólis através da Mediação pelo Semelhante



Acesse o trabalho
na íntegra!

